

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NÓTULAS SOBRE CINCO MARCOS MILIÁRIOS DA VIA MILITAR ROMANA MÉRIDA-VISEU-BRAGA, ENCONTRADOS NAS PROXIMIDADES DA TORRE CETUM CELLAE, DE BELMONTE.

BELO, Aurélio Ricardo

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

BELO, Aurélio Ricardo, Nótulas sobre cinco marcos miliários da via militar romana Mérida-Viseu-Braga, encontrados nas proximidades da torre Cetum Cellae, de Belmonte. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 27-50.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nótulas sobre cinco marcos miliários da via militar romana Mérida-Viseu-Braga, encontrados nas proximidades da Torre *Centum Cellae*, de Belmonte.

Pelo DR. AURÉLIO RICARDO BELO
do Instituto de Arqueologia, História e Etnografia.

Antes de entrarmos propriamente na matéria do título que encima este artigo, torna-se necessário, para perfeita compreensão das conclusões a que chegamos neste modesto trabalho, apresentar, à maneira de preâmbulo, um resumo dos factos e estudos que se relacionam intimamente com o assunto.

Em fins de Setembro de 1958 apresentámos ao I Congresso Nacional de Arqueologia uma Comunicação intitulada «Algumas palavras sobre a Torre *Centum Cellae*, de Belmonte», da qual extraímos, em síntese, o seguinte:

A Torre *Centum Cellae* está situada a 3.000 m. ao Norte de Belmonte e a 200 m. a Nascente das Catraias da Torre, próximo do cruzamento da estrada n.º 15, da Covilhã à Guarda, com a n.º 45, de Caria a Manteigas. A Guarda fica a 24 quilómetros a Noroeste, Caria a 12 quilómetros ao Sul e o Colmeal da Torre a 1,5 quilómetros a Nascente.

É uma construção romana, de planta rectangular, (11,34 m. x 8,42 m.), turriforme, de grossa cantaria de granito aparelhada. Devia ter pelo menos três andares,

estando as paredes correspondentes aos dois primeiros em razoável estado de conservação, enquanto que as do terceiro, além de maltratadas, se apresentam sem as vergas das respectivas janelas em três das suas faces, contrariamente ao que se observa na parede da face sul, que conserva ainda as vergas das suas três janelas do último andar. Nada de positivo sabemos sobre o número total dos seus andares, como não conhecemos a forma do remate, se de cúpula, pirâmide ou terraço, e se as paredes eram ou não ameçadas.

Com excepção dos parapeitos das janelas do terceiro andar, que são de pequeno aparelho, o sistema de construção empregado em toda a altura da torre, cujas paredes têm 0,74 m. de espessura, é o de grande aparelho em isódomos, isto é, com fiadas paralelas sobrepostas a sêco, sem aplicação de qualquer argamassa, com a particularidade de cada paralelepípedo, com a grossura de 0,74 m., apanhar toda a espessura da parede.

É uma construção de paredes completamente lisas, com ausência de motivos ornamentais ou artísticos dignos de nota. Apenas uma espécie de moldura se destaca, à altura do pavimento do 2.º andar, da superfície lisa da parede, moldura esta formada por uma cornija de 0,20 m. de largura, que abraça a construção pelas faces externas Norte, Oeste e Leste; à mesma altura, no interior, existe idêntica cornija nas quatro paredes do edifício.

Esta cornija, tanto no exterior como no interior, não constituindo motivo ornamental, serviria de cornija-dormente, sobre a qual se apoiava o pavimento de madeira de qualquer anexo da construção, possivelmente uma varanda que correria em toda a volta, apoiada na periferia sobre colunas de pedra, tijolo ou madeira.

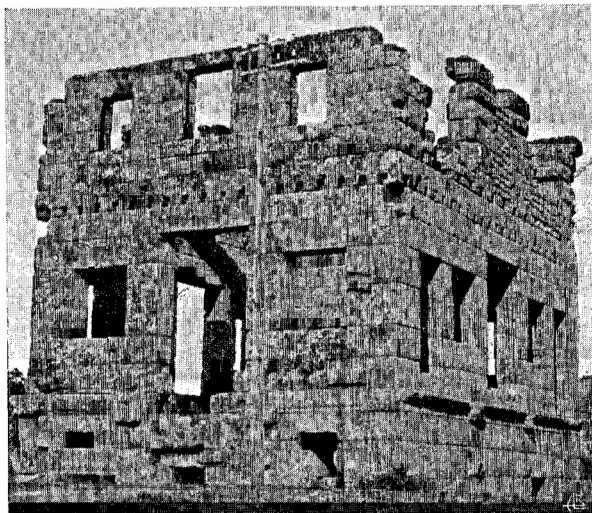
O pavimento do 2.º andar apoiava-se evidentemente na cornija interna e em paredes interiores que cruzavam no centro da construção.

A gravura mostra, por cima das aberturas externas do 1.º andar três correntezas paralelas de buracos quadrados onde encaixariam as vigas do madeirame da varanda do 2.º andar e as do respectivo telhado, sendo também possível que na última fiada de buracos encaixassem as vigas de provável varanda do 3.º andar, apoiada exteriormente na do 2.º, em vista do que as varandas seriam desprovidas de cobertura.



Torre Centum Cellae

(Faces Norte e Poente)



Torre Centum Cellae

(Facies Sul e Nascente)

O número de portas, janelas e postigos que se abrem em cada face é variável, de andar para andar, distribuindo-se da seguinte maneira:

Face	Andar	Portas	Janelas	Frestas	Total	Obs.
Norte	1. ^o	5			5	
	2. ^o	3	2		5	
	3. ^o		3		3	sem vergas
Sul	1. ^o	5			5	
	2. ^o	3	2		5	
	3. ^o		3		3	com vergas
Leste	1. ^o	3		3	6	
	2. ^o	1	2		3	
	3. ^o		3		3	sem vergas
Oeste	1. ^o	3		3	6	
	2. ^o	1	2		3	
	3. ^o		3		3	sem vergas
		24	20	6	50	

É portanto de 50 o número total de aberturas que rasgam as paredes da Torre, notando-se que as portas centrais são as mais largas.

Muito curioso é o facto de os diferentes autores designarem a Torre com variados nomes — *Centum Cellas*, *Centum Celli*, *Centum Cellae*, *Centum Caeles*, *Centcellas*, *Centem Coeli*, etc., abstando-se porém de lhe darem qualquer significação, e só o General João de Almeida dá à forma *Centum Caeles* o significado de *prisão de cem celas*, e o Dr. Vergílio Correia, pensando que a Torre era um santuário isolado, entende que a forma *Centum Coeli* indica o significado de Torre com cem céus.

Adopto a forma *Centum Cellae* porque Plínio assim designa o lugar onde, a convite do Imperador Trajano, passou um período de férias, no local onde este Imperador fundou a cidade e porto de Civita Vecchia (1). Neste ponto passava a grande via militar *Aurelia* que, saindo do Forum de Roma, seguia ao longo da costa ocidental da Itália até Génova, e daqui pelo sul da França chegava aos Pireneus, que transpunha em Junquera, passava em Barcelona e Tarragona, atravessava o Ebro, atingia

(1) Carlo Carlisse, *Storia di Civita Vecchia*.

Cádiz, de onde partia outra via para Córdoba e Mérida, e daqui várias outras vias para Lisboa, Braga e Salamanca.

Rejeitando a opinião de diversos autores que a consideram santuário isolado (1), prisão política (2), atalaia (3), casa de campo ou de veligiatura (4), solar medieval, convento, etc., acentuamos bem que, em nossa opinião, a construção da Torre devia relacionar-se, na sua finalidade, com a abertura da via militar Mérida-Idanha-a-Velha-Viseu-Braga, levada a efeito durante a estada do imperador Augusto na Península, ou pouco depois pelo seu general Agripa, após a fundação de *Emerita Augusta*, futura capital da Lusitânia.

Centum Cellae era uma das estações (*mansiones*, *mutationes* e *tabernae diversoriae*) que existiam, de distância a distância, ao longo das principais vias militares, sendo as duas primeiras propriedades do Estado e por ele administradas, e as últimas, as *tabernae*, pertencentes a particulares.

As *mansiones* situadas a intervalos mais espaçados, eram estações de repouso e descanso para os viajantes, funcionários civis e militares, da posta oficial e de particulares munidos com a competente licença (*diplomata*) do imperador. Nestas mansões ou pousadas podia o viajante adquirir gratuitamente víveres para si, para a comitiva de escolta e escravos, e forragens para os animais em quantidade suficiente para outra etapa de marcha.

Devido a circunstâncias especiais e pouco favoráveis à segurança dos viajantes de categoria e das colunas militares, havia necessidade de fortificar algumas mansões.

A *mutatio* era uma simples estação de muda, onde se substituíam os animais de carga, de sela e de tiro por outros mais folgados.

Ora, sendo a Torre *Centum Cellae* considerada por nós uma *mansio* (mansão, pousada), torreada, com *centum* (muitas) *cellae* (celas, quartos ou aposentos) para

(1) Vergílio Correia, *História de Portugal*, ed. de Barcelos, vol. I, 1928, p. 267.

(2) João de Almeida *Roteiro dos Mon. Mil. portugueses*.

(3) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, art. «Belmonte».

(4) J. R. Melida *Arqueología Española*, Barcelona, 1929, pág. 306.

utilização dos viajantes, deveria a via militar a que estava adstrita passar-lhe ao lado e muito próximo.

Tal é a súmula da Comunicação que apresentámos ao citado Congresso de Arqueologia para ser lida durante o seu funcionamento, como de facto foi.

Sucedeu que a abertura do Congresso foi adiada para um mês depois da data marcada, e desejando colher elementos seguros e convincentes para defesa da tese exposta que, atendendo ao ineditismo das suas conclusões, parecia bastante arrojada, e poderia ser impugnada por algum congressista que dela discordasse, resolvemos fazer um reconhecimento a antigos caminhos que convergem para *Centum Cellae*, em especial a uma velha carreteira que das Catrias da Torre segue pela várzea do Vale Formoso, na margem esquerda do Zézere, em direcção a Valhelhas.

Foi então que a deusa Fortuna fez a sua aparição, na pessoa de uma respeitável matrona, moradora nos Casais da Torre, à qual perguntámos se sabia terem aparecido em volta da Torre, ou nas proximidades, algumas pedras com letras. «—Sim senhor, (respondeu-nos com toda a desenvoltura), ao lado direito do caminho antigo que vai direito a Valhelhas, numa propriedade do José Pinto, morador no Colmeal da Torre, foram encontradas há poucos meses duas pedras com letras, que ninguém ainda foi capaz de entender, nem mesmo o Snr. Prior. Uma das pedras levou-a o José Pinto para casa, a outra parece que está ainda na mesma propriedade, chamada a Lameira, distante daqui boa meia hora de caminhada».

Efectivamente a informação era verídica, em parte, pois verificámos que a pedra, deixada no local do achado para servir de esteio a um engenho de tirar água dum poço aberto ao lado, era de facto um marco miliário, de granito, cilíndrico, mas anepígrafo; pelo menos na parte descoberta não apresentava vestígios de letras, sendo porém possível que existam na parte enterrada.

Retomando o caminho percorrido, que calculamos ser de uns 2500 m., correspondentes a 2000 passos dados, que tivemos o cuidado de ir contando, e como estes devem ser inferiores ao passo romano, deve aquela distância da Lameira à Torre estar próxima da realidade, isto é, entre 2.000 a 2.500 m. para Noroeste da Torre.

Seguimos depois para casa do José Pinto onde encontrámos um bellissimo marco, de granito, inteiro, con-

tendo uma inscrição dedicada ao Imperador Tácito. De regresso a Lisboa, demos conhecimento do achado à Junta Nacional da Educação, propondo que os dois marcos fossem adquiridos pelo Museu Etnológico «Dr. José Leite de Vasconcelos», como homenagem à memória desse grande Mestre, e elaboramos outra Comunicação intitulada «Dois marcos miliários, inéditos, do troço *Centum Cellae*—Valhelhas, da via militar Mérida-Viseu-Braga», Comunicação esta que ainda deu entrada na Secretaria do Congresso antes da sua abertura. Tudo isto se passou nos últimos três meses de 1958.

As duas Comunicações completavam-se e os dois marcos provavam que o traçado da via militar vindo de Valhelhas, pela margem esquerda do rio Zézere, se aproximava da Torre, como se previa na primeira das Comunicações.

Havia ainda que pensar na eventualidade de a via, antes de atingir a Torre, inflectir para o Sul e subir ao esporão da serra da Esperança, onde está Belmonte, ou inflectir mais para o Poente e seguir pela orla da vertente Oeste desta serra, contornando-a pelo Sul para atingir Caria.

Repelidas estas duas hipóteses e não concordando com a opinião do falecido arqueólogo, P.^o Eugénio Jalhay (1), e de outros, de que a via militar deveria em Valhelhas passar da margem esquerda do Zézere para a margem direita, seguir por Leste e Sul da povoação de Vale Formoso (não confundir com Várzea do Vale Formoso, na margem esquerda) até altura de Orjais, e depois passar da margem direita para a esquerda do mesmo rio para atingir Caria, traçado que obrigaria à construção de duas pontes, sem a vantagem de encurtar o percurso do traçado entre Valhelhas e Caria passando por *Centum Cellae*, dizíamos nós que, rejeitadas estas hipóteses, o traçado devia, depois de ultrapassada a Torre, contornar pelo Norte e Nascente a orla do esporão de Belmonte, passar a pouca distância da Estação do Caminho de Ferro desta vila, seguir paralelamente à vertente oriental da Serra da Esperança, Leste de Malpique e atingir Caria.

(1) E. Jalhay, *Inscrições romanas do Museu Regional da Guarda*, in *Broteria*, Lisboa 1950, vol. L.

Faltavam-nos porém elementos probatórios irrefutáveis, que fundamentassem esta opinião.

Procurar esses elementos foi o objectivo que nos levou, em Setembro do corrente ano, à região de Belmonte, para ali procedermos a escavações de simples sondagem, visto não termos à nossa disposição qualquer subsídio para trabalhos de grande envergadura (1), averiguarmos se na região existiam ou não restos de antigas calçadas supraterrâneas e subaquáticas, e pontes de poldras (*pons ex lapidibus*) vulgarmente conhecidas pela designação de «ponte pedrinha», e colhermos informações sobre achados de moedas, inscrições, etc.

O resultado dos trabalhos efectuados nos 10 dias de permanência em Belmonte excedeu todas as expectativas, como vai ver-se.

Para iniciar as escavações, precisávamos da autorização prévia do dono dos terrenos vizinhos da Torre, para obtenção da qual fomos, acompanhados do Snr. Vice-presidente da Câmara Municipal, Dr. António Fernandes, a casa do proprietário Sr. Aurélio Amaro, que amavelmente concedeu essa autorização.

A deusa Fortuna dignou-se desta vez aparecer na figura do filho deste proprietário, o qual, ao perguntar-lhe se em volta da Torre ou nas proximidades tinha aparecido em trabalhos agrícolas alguma pedra com letras, ele, sorrindo, apontou com o braço para uma pedra cilíndrica, colocada verticalmente ao lado da ombreira esquerda da porta de uma arrecadação de alfaías agrícolas, a servir de «frade» protector contra possíveis traumatismos. Vista de perto, verificámos que era semicilíndrica, fracturada, faltando-lhe dois terços inferiores, apresentando uma inscrição dedicada ao Imperador Constâncio Cloro e ao seu herdeiro, o futuro Constantino Magno.

Trata-se portanto de mais um marco miliário da via militar, encontrado com outro, mas anepígrafo e

(1) Aproveitamos a oportunidade de reconhecidamente agradecer ao Ex^{mo} Snr. Raul Frazão Castelo Branco, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Belmonte, o valioso auxílio que nos prestou permitindo que dois cantoneiros camarários participassem nos trabalhos da escavação.

inteiro, a 300 m. a Sudoeste da Torre, na margem direita da Ribeira do Colmeal, ao lado de um caminho antigo que da Torre segue para a Estação do Caminho de Ferro de Belmonte e depois para Caria.

Portanto, estes dois marcos encontrados a Sudoeste da Torre, com os dois outros encontrados em 1958 na Lameira, a Noroeste, constituem prova evidente de que a via militar, partindo da Ribeira do Colmeal, passava perto da face Este da Torre, contornava a face Norte a uma distância máxima de 30 m. e, descendo por um antigo caminho sobre o qual assenta uma estrada municipal moderna, atingia as Catraias da Torre, penetrava na Várzea do Vale Formoso (margem esquerda do Zézere), passava ao lado da Lameira, seguindo depois para Valhelhas.

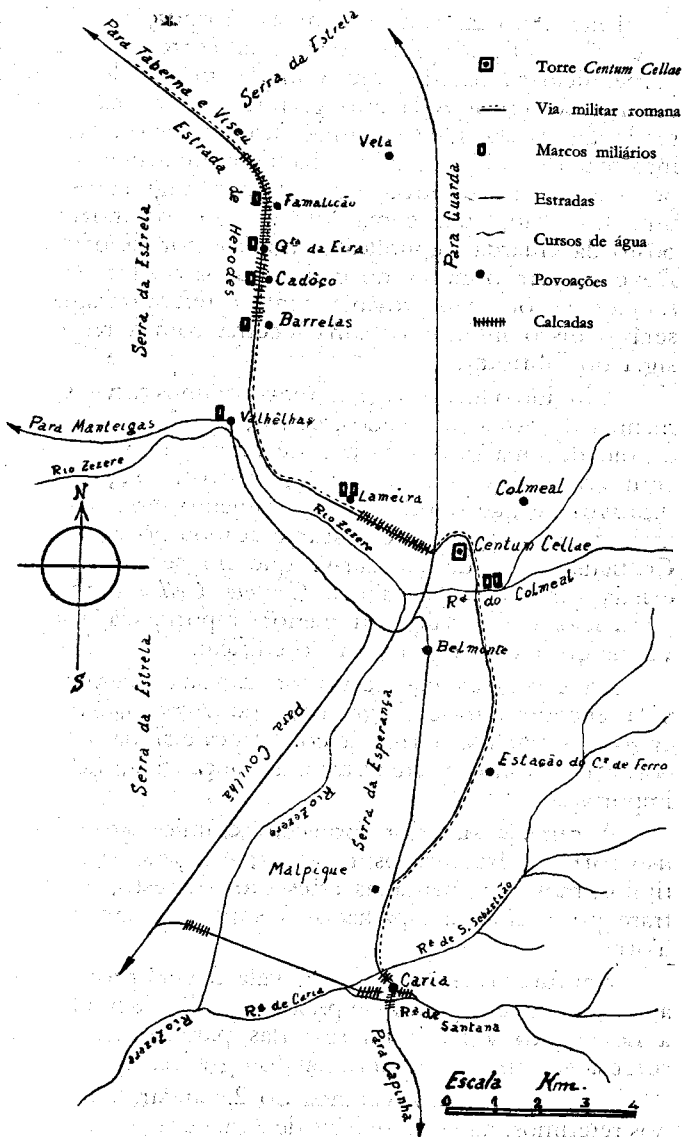
O esboço do mapa mostra como a Torre ficava encaixada por três lados na curva que o traçado fazia à sua volta.

Este envolvimento da Torre é o único pormenor que não estava previsto no mapa que foi apenso às Comunicações do Congresso de Arqueologia de 1958, mas tudo o mais está absolutamente certo.

Passados dois ou três dias depois de termos conhecimento destes achados, novamente a deusa Fortuna aparece na pessoa amiga do Snr. Manuel Vaz Barreiros que, sabendo dos motivos da nossa estada em Belmonte, nos deu a informação de que ao lado da porta da igreja de Valhelhas estavam duas pedras com letras, as quais, pela descrição que delas fez, calculámos serem uma ara funéria e um marco miliário.

De facto, transportados no seu carro até esta povoação, vimos um marco de granito, partido, com a falta do terço superior e de duas ou três linhas da inscrição, dedicado aos Imperadores Diocleciano e Maximiano e aos dois Césares Constâncio e Maximino. A ara é de xisto regional com inscrição completa, dedicada por um certo Proculino às duas falecidas esposas, piíssimas, Valéria e Amável, esta ama dos seus filhos. (1)

(1) Para não alongar demasiadamente este artigo, reservamo-nos publicar o estudo desta inscrição funerária, no próximo tomo desta excelente Revista. Serão também publicadas nessa ocasião outra inscrição de Belmonte e a marca de oleiro de uma lucerna de *Centum Cellae*.



TRAÇADO DA VIA ROMANA ENTRE CARIA E FAMILICÃO

Entretanto fizeram-se algumas prospecções, abrindo uma vala a 14 m. da face oriental da Torre, em direcção perpendicular à parede, com o fim de atingir o local onde há anos foi encontrada uma grande talha de barro contendo alguns ossos, terra negra e vários objectos. Segundo informações colhidas, a vasilha ficou reduzida a cacos pelos achadores e parece que um dos fragmentos tinha uma inscrição, cuja cópia, tirada pelo comandante do posto da Guarda Republicana, nos foi por ele oferecida. Deve indicar o nome do oleiro ou da oficina de onde saiu a talha, ou, mais provavelmente, o referido fragmento será o disco inferior de uma lucerna com a respectiva sigla do fabricante.

Atingido o local do achado encontrámos carvões, fragmentos de ossos queimados, cinzas, e pedaços do bordo e bojo de uma grossa vasilha de barro, tudo misturado com terra mais escura do que a do resto da vala, factos indicativos de que o rito do enterramento teria sido o da incineração e, como este costume acabou no advento do Cristianismo, pode afirmar-se que no século III ainda existia em volta da Torre *Centum Cellae* um núcleo populacional de maior ou menor importância, sobrevivência do núcleo construtor do edificio.

Na crivagem das terras da camada inferior desta vala encontraram-se fragmentos de *terra sigillata* com engobo vermelho, outros de cor branca e ainda outros de cor preta, todos pertencentes a louça fina, talvez de importação.

A camada superior forneceu cerâmica grosseira de uso corrente, fragmentos de *tegulae*, e de *pondera* de barro, tijolos, mós, etc., materiais estes que, de resto, se encontram profusamente espalhados à superfície, em volta da Torre.

Em futuros trabalhos, esta vala deverá prolongar-se até a parede, e ramificar-se para cada lado, de modo a pôr a descoberto a parte inferior das paredes actualmente soterradas como se observa nas fotografias.

Calculando que a varanda do 2.º andar, a que atrás nos referimos, não tivesse mais de 2 m. de largura, abriu-se outra vala paralela à parede ocidental e à distância de 1,50 m., com o objectivo de encontrar vestígios dos pontos de apoio exteriores dessa pressuposta varanda.

A escavação caiu em cheio sobre um troço de parede, cuja forma de construção é idêntica à da Torre, com grandes paralelepípedos sobrepostos a seco, sobre a qual assentariam os pilares de suporte da varanda ou, na falta destes, o sobrado assentaria directamente sobre esta parede elevada à altura do 2.º andar. Futuras investigações esclarecerão melhor o assunto.

Informado de que a 100 m. a Norte da Torre, em recentes trabalhos de construção de prédios e abertura dum poço, tinha sido encontrada uma conduta de água que parecia seguir em linha recta para a Torre, abrimos outra vala a 20 m. a Noroeste, com o intuito de a descobrir, não conseguindo chegar a este objectivo porque a perfuração da sondagem não atingiu o nível a que ela deve estar. Todas as informações colhidas dos moradores vizinhos e do próprio pedreiro das construções são concordes em afirmar que a conduta, espécie de alvanel, era formada de grandes tijolos ligados com argamassa de tal maneira rija que só a picareta conseguia romper-se. Tudo isto foi confirmado pelos dois cantoneiros camarários que comigo trabalhavam nas escavações, acrescentando que, quando se abriu o leito da moderna estrada do Colmeal, construída sobre o caminho velho, foram encontrados por eles, que trabalharam nessa construção, vestígios dum cano de água em direcção à Torre, que dista da estrada cerca de 30 m. para Sul.

Ora, é precisamente por esse caminho velho que passava a estrada romana, depois de atravessar a Ribeira do Colmeal a 300 m. a Sudoeste.

Do relatório que deu entrada na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 4 de Novembro do corrente ano, transcrevo para aqui as seguintes

CONCLUSÕES

1. A Torre *Centum Cellae*, edificio único no nosso país e talvez na Espanha, foi construída pelo Imperador Augusto, durante a sua estada na Península, ou pouco depois pelo seu general Agripa.
2. A finalidade desta construção está intimamente relacionada com a abertura da via militar

- romana de Mérida-Viseu-Braga, levada a efeito na mesma época, final do I século a. C. e princípios do I século da era de C.
3. E, como tal, era uma *mansio*, mansão ou pousada destinada a repouso e descanso de viajantes funcionários do Estado, como sucedia com iguais estações escalonadas, de distância a distância, ao longo das principais vias militares romanas.
 4. Era torreada, espécie de defesa em altura, porque a região onde está edificada não oferecia, naquela época, segurança absoluta aos viajantes de categoria e às colunas militares que por ela transitavam. Não era suficientemente forte para resistir ao ataque dum corpo de tropas bem organizado e apetrechado com catapultas, aríetes e outras máquinas de guerra, mas podia resistir eficazmente ao assalto de bandos irregulares de lusitanos, sempre insubmissos, de desertores e dos pastores semi-bárbaros da Serra da Estrela, até chegarem reforços das guarnições da Idanha-a-Velha e de Viseu.
 5. De facto, se as 50 aberturas que lhe rasgam as quatro paredes fossem guarnecidas com atiradores de dardos, flechas e outros projecteis, e igualmente a varanda e remate da Torre com fundibulários, além de duas balistas que podiam assestar-se em cada porta central, bastante larga de 1,90 m., a resistência aos ataques de bandos irregulares, sem apetrechos de máquinas de assalto, seria suficientemente forte para os manter a distância até a chegada de auxílio.
 6. O tipo de construção do 1.º e do 2.º andar é o de grande aparelho em isódomo, usado desde os primeiros tempos da República romana. Na face virada ao Sul do 3.º andar, que parece intacta, conservando ainda as vergas

das três janelas, o sistema de construção é também o de grande aparelho.

Nas faces viradas ao Poente, Norte e Nascente deste andar, já estão desprovidas de vergas as respectivas janelas e o sistema de construção é um mesclado de grande e pequeno aparelho, em desarmonia absoluta com o resto do edifício, pelo que deve supôr-se que, em épocas posteriores à sua construção, a Torre sofreu um restauro ou reparação sem a ideia antecipada de lhe restituir o aspecto primitivo. Em todo o caso pode facilmente reconstituir-se, segundo a norma da face do Sul e tendo em conta a solidez das paredes.

7. O troço de Caria a Famalicão, da via militar romana Mérida-Viscu-Braga, cujo traçado indiquei no Congresso de Arqueologia de 1958, fica agora definitivamente comprovado com os dois marcos encontrados na margem direita da Ribeira do Colmeal, e a 300 m. a Sudoeste da Torre *Centum Cellae*.
8. O traçado que agora indico, partindo de Caria é o seguinte: Caria—leste de Malpique—oeste da Estação do Caminho de Ferro de Belmonte—Torre *Centum Cellae*—Catraias da Torre—Várzea do Vale Formoso (Lameira, margem esquerda do Zézere)—Valhelhas—Barreiras—Famalicão—Taberna (Mondego).
9. A soma total das marcos miliários conhecidos neste troço é de 9, dos quais 5 entram no meu activo, sendo 2 anepígrafos.
10. As estações viárias, escalonadas neste percurso seriam: a *mutatio* de Caria, a *mansio* em *Centum Cellae*, outra *mutatio* em Barreiras e uma *taberna diversória* em Taberna (Mondego).
11. É desnecessário acentuar a grande importância dos resultados das investigações efectuadas em 1958 e 1959, não só sob o ponto de

vista arqueológico e histórico, porque corrigem muitos erros e dissipam muitas dúvidas anteriores, mas, sobretudo, porque muito interessam ao estudo da História da época romana na Lusitânia portuguesa e espanhola, devendo os trabalhos de investigação prosseguir com o patrocínio dos organismos oficiais, para prestígio da Cultura nacional.

Segue-se a descrição dos marcos miliários romanos encontrados em 1958 e 1959:

MARCO DA LAMEIRA

Em 1958 encontrou José Pinto, morador no Colmeal da Torre, em ocasião de trabalho de lavoura, na sua propriedade denominada Lameira, situada a 2.000 m. a Noroeste da Torre *Centum Cellae*, na Várzea do Vale Formoso (margem esquerda do rio Zézere) duas pedras de granito, uma das quais transportou para a sua residência, deixando outra no local do achado para destino utilitário.

No dia 4 de Outubro daquele ano tivemos ocasião de ver as duas pedras e de estudar uma inscrição gravada naquela que o referido proprietário levou para casa, inscrição dedicada ao Imperador Tácito. A outra não foi observada convenientemente visto que, estando aplicada como esteio num engenho de tirar água, só podemos afirmar que não tem vestígios de letras na parte descoberta, sendo possível que se encontrem na parte enterrada, de cerca de um terço do comprimento total.

Descrição:

Marco de granito, com rijos e grossos nódulos de quartzo, cilíndrico na metade superior, enquanto a parte posterior da metade inferior é menos abaulada,

quase plana, parecendo que ferimento antigo destacou uma grande lasca, ainda que a pátina tenha a mesma tonalidade em toda a superfície.

- Comprimento 1,650 m.
- Diâmetro superior 0,26 m.
- Diâmetro inferior 0,31 m.
- Altura das letras 9, 6, e 3 cm.

Todas as letras são acentuadamente irregulares e imperfeitas, algumas incompletas. É que o granito ordinário, na sua qualidade de matéria prima impregnada de nódulos de quartzo duríssimo, não permite que o *scalprum fabrilis* manejado pelo *lapidarius* siga com regularidade o delineamento prévio das letras. Ou salta por cima, ou faz saltar os nódulos que por vezes são de razoável tamanho, donde resultam letras deformadas, incompletas e até verdadeiros aleijões, como vamos observar.

Inscrição:

1 IMP CAE
 SARI MAR
 CO CLAVDI.....
 TACITO PIO
 5 ...INVICTO
 PONTIFIC.....
 MO TRIBV.....
PATRIE II
 LO

Observações:

Verifica-se que faltam letras no fim das linhas 3.^a, 6.^a e 7.^a e no princípio da 8.^a, e possivelmente na 5.^a. Não se notam pontos separativos, os AA não têm travessão, a ansa dos PP não toca na haste vertical, os TT e os FF são as letras maiores e os OO as menores, (0,^m 03), o paralelismo e horizontalidade das linhas não são perfeitos, começando porém todas a partir de uma linha vertical.

Apesar de tudo, a restituição e a leitura do texto são relativamente fáceis, exceptuando-se o pretense numeral II do fim da 8.ª linha e LO da última.

Estes dois traços verticais, II, parecem à primeira vista representar o número 2 que, não podendo de forma alguma relacionar-se como o que está antes, [*patri*] PATRIE, só poderia estar ligado ao que se segue, LO, da última linha, indicando, ou o número de milhas a contar dum ponto designado por LO, ou o número de anos ou vezes de qualquer função e título honorífico inerente ao imperante. Em qualquer dos casos, o número II devia estar colocado em seguida à menção da localidade, de onde começa a contagem das milhas, e das funções e títulos referentes aos imperadores, facto que não se verifica aqui.

Deste modo temos que supor o seguinte: o canteiro pretendeu gravar um P, mas por qualquer motivo, rigidez da pedra, presença dum nódulo de quartzo ou receio de produzir um aleijão, não gravou a ansa desta letra, resultando um P incompleto, um traço vertical. Com o segundo I, que devia dar a letra R sucedeu a mesma coisa, e ficou no traço vertical. Com o L da última linha dá-se idêntico facto, querendo gravar um C, resultou um L porque o escopro não seguiu devidamente a curvatura daquela letra.

É muito curioso o facto de noutro marco de Tácito, encontrado na Quinta do Cadôço, situada a meia distância entre Barrelas e Famalicão, portanto no troço *Centum Cellae*-Famalicão, da via militar, verificarem-se também no final da penúltima linha os dois traços verticais II, mas estes excessivamente largos (0, 03 m.) e profundos, mais parecendo sulcos accidentais do que letras (1).

Do que acabamos de expor, e juntando as letras que faltam nalgumas linhas, fazemos a leitura e tradução seguintes:

(1) C. Azevedo Pires, in *Arqueologia e Historia*, Vol. VI da 6.ª série, Lisboa, 1928, pág. 150. O autor do pequeno artigo publicado nesta Revista sobre o marco de Cadoço, atribuindo aos dois largos traços, II, o valor de *bis* (2 ou 2.º), caiu num erro de História e de Epigrafia porque IICOS que vê gravados no marco não significam o 2.º Consulado, visto que Tácito foi Consul

Leitura:

Imp (eratori) Cae/sari Mar/co Claudi[o] / Tacito Pio
/ Invicto / Pontific[i] [Maxi]/mo Tribu[nicie] [Pot(es-
tatis)] / [Patri] Patri(a)e Pr[o]/co[s].

Tradução:

*Ao Imperador César Marco Cláudio Tácito, Pio, Invicto,
Pontífice Máximo, com Poder Tribunício, Pai da Pátria,
Procônsul pela 1.^a vez.*

Cronologia:

Esta inscrição dedicada a Tácito, de seu nome completo *Caius Marcus Claudius Tacitus*, descendente do historiador Tácito, consul uma vez antes de subir ao trono imperial, indica-nos com precisão o ano em que foi redigida.

Tácito subiu ao trono em 25 de Setembro de 275 sendo-lhe conferido automaticamente o Poder Tribunício e o título de Procônsul, aquele até 10 de Dezembro de 275 pela primeira vez, e este até 1 de Janeiro de 276 também pela primeira vez.

Em 10 de Dezembro de 275 começa o segundo Tribunato e em 1 de Janeiro de 276 o segundo Proconsulado.

Segundo estes dados, a cronologia do marco é de 25 de Setembro de 275 a 1 de Janeiro de 276, visto que não estando mencionado na inscrição o segundo Proconsulado, que começou em 1 de Janeiro de 276, subentende-se que é anterior a esta data; ainda mesmo que estivesse mencionada a Tr. Pot. II, era ainda anterior a 267, mas posterior a 10 de Setembro de 275.

uma só vez, e antes de ser Imperador. Por outro lado, de harmonia com as normas epigráficas, o suposto numeral II devia estar em seguida ao também suposto COS. De maneira que a leitura da sigla IICOS não é: — «segunda vez». (bis) Cónsul, como o autor entende, mas *Proconsuli* (1.^a vez), como eu julgo.

É possível que antes de INVICTO da 5.^a linha estivesse AVG, abreviatura de AVGVSTO, como sucede em outros marcos de Tácito.

Por nos parecer digna de interesse, damos em seguida a relação dos dez marcos de Tácito conhecidos em Portugal e na Espanha.

Sinopse dos marcos do Imp. Tácito conhecidos em Portugal e Espanha

N.º	Proced. ^a	Tribunato	Proc. Milh.	Refer. ^{at}	Obs.
1	Cadoço	Tr. Pot.	Procos	C. A. Pires	(1)
2	Barrelas	Tr. Pot.	Procos IIII	E. Jalhay	(2)
3	Lameira	Tr. Pot.	Procos	A. Belo	(3)
4	Vale de Lobo	Tr Pot.	Procos IIIX	Hübner	(4)
5	Tomar	Tr. Pot.	?	I »	»
6	Almeirim	Tr. Pot. II	Procos	»	»
7	Almeirim	Tr. Pot. II	Procos	»	»
8	Gerez	Tr. Pot.	Procos XXIII	»	»
9	Trofa	Tr. Pot. II (?)	?	»	»
10	Tricio (Esp.)	Tr. Pot. II	Procos	»	»

Pelo exame desta sinopse verifica-se que os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 8, são os que não mencionam o numeral II, e subentende-se por isso que são do primeiro ano da Tr. Pot., isto é, de 25 de Setembro a 10 de Dezembro de 275, e que os n.ºs 6, 7, 10 e talvez o 9, de Trofa, mencionando o 2.º ano, são posteriores a esta última data, mas anteriores a 1 de Janeiro de 267, porque nem estes nem aqueles mencionam o 2.º ano do Proconsulado.

Verifica-se ainda que os n.ºs 2, 4, 5 indicam o número de milhas contadas de pontos indeterminados, só o n.º 8 indica XXIII milhas, a *Bracara Augusta*.

(1) *Arqueologia e História*, Vol. VI, cit. pág. 150.

(2) *Inscrições romanas do Museu Regional da Guarda*, cit.

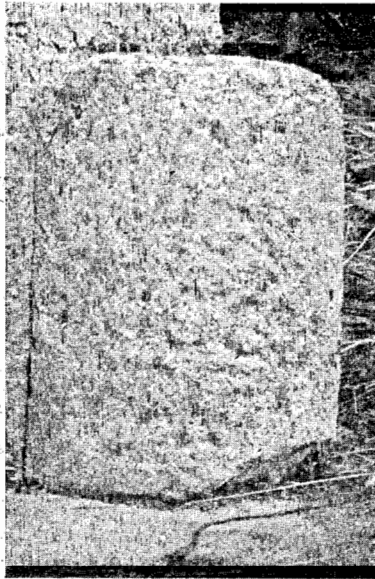
(3) Comunicação *Dois marcos miliários, inéditos, da via militar romana Mérida-Viséu-Braga*, cit.

(4) *Corpus Inscr. Latin., Vol. II e Supplementum*, respectivamente n.ºs 4638, 6197, 4635, 4636, 4830, 6212 e 4879.

MARCO DA RIBEIRA DO COLMEAL

Marco de granito, semicilíndrico, partido, faltando-lhe dois terços inferiores do comprimento possivelmente igual ao do marco anterior.

Estava em casa do Snr. Aurélio Amaro que o descobriu numa sua propriedade, distante da Torre *Centum*



Marco miliário da Ribeira do Colmeal

Cellae cerca de 300 m. a Sudoeste, na margem direita da Ribeira do Colmeal e ao lado duma carreteira antiga que segue para Oeste da Estação do Caminho de Ferro de Belmonte, carreteira que vinha do lado Leste da Torre.

Com este marco encontrou-se outro, inteiro, cilíndrico, de granito, que está servindo de esteio a uma parreira, mas é anepígrafo.

Inscrição:

1. NN
FLAVIO VA
LERIO CONS
TANTIO CONS
5. CAES

Observações:

Todas as linhas partem de uma vertical; na 1.^a devem faltar duas letras DD; adiante de CONS da 4.^a, não há outras letras, tratando-se portanto duma abreviatura de CONS(*tantino*) ou de CONS(*tancio*) na 5.^a lê-se CAES que será abreviatura de CAES(*ari*).

Não se notam pontos separativos.

Leitura:

D(*ominis*) N(*ostris*) Flavio Valerio Constantio (*et*)
Cons(*tantino*) Caes(*ari*)

Tradução:

Aos (dois) Nossos Senhores Flávio Valério Constâncio
e Constantino César.

Cronologia:

O Imperador Constâncio Cloro, de seu nome Flávio Valério Constâncio, foi adoptado em 292 e nomeado César por Maximiano Herculéo. Em 305, pela abdicação de Diocleciano e de Maximiano, foi aclamado Imperador e nomeou César a seu filho Constantino, o futuro Constantino Magno. Morreu em 25 de Julho de 306.

Podemos portanto atribuir a cronologia deste marco ao período de dias que vai de 1 de Maio de 305, data da abdicação de Diocleciano e de Maximiano, até 25 de Julho de 306.

Há um facto que pode dar origem a uma interpretação diversa, é que Flávio Júlio Valério Constâncio, filho de Constantino Magno, e neto do nosso Constâncio Cloro, assumiu o poder imperial em 325, nomeando César a Constâncio Gallo. Desta forma encontramos os mesmos nomes e abreviaturas que existem neste marco da Ribeira do Colmeal. Mas como o nome usado por Constâncio Cloro é Flávio Valério Constâncio, como consta do marco, e não o de Flávio Júlio Valério Constâncio, inclinamo-nos mais para a cronologia atrás indicada. O marco é de Constâncio I, Cloro, e não de Constâncio II.

MARCO DE VALHELHAS

É uma pedra de granito, cilíndrica, terça parte de um marco miliário, faltando-lhe as duas ou três primeiras linhas da inscrição, tendo ao centro do topo superior um círculo escavado para qualquer coluna ou poste nele assentar.

Tivemos conhecimento da existência deste marco, por intermédio do Ex.^{mo} Snr. Manuel Vaz Alves Barreiros, de Belmonte, a quem me confesso reconhecido pelas atenções recebidas e pela eficiente colaboração que me prestou com as suas preciosas informações, sempre que solicitadas.

O marco em questão foi transportado há pouco tempo da margem direita do Zézere para Valhelhas e colocado ao lado da porta travessa da Igreja, não querendo isto dizer que a colocação primitiva fosse na margem direita, mas que em épocas posteriores foi para aí transportado para ser aplicado a fins utilitários, marco moderno de propriedade ou esteio de qualquer coisa. Os 8 marcos encontrados antes, ao Norte e a Sudeste de Valhelhas, são todos provenientes da margem esquerda.

Comprimento: 0,60 m., diâmetro: 0,32 m., letras: 0,06 m.

Inscrição:

1 NI AY SS
 ET CONS
 TANTI
 ET MAXI
 5 MINI FO
 RTISSIM
 O

Observações:

O que desde logo prende a nossa atenção é a presença de um upsilon, Y, na primeira linha, e, como esta letra só era usada no alfabeto romano em palavras gregas introduzidas na língua latina, poderíamos concluir que nesta linha estará uma palavra grega. Como vamos ver, não é este o caso.

A inscrição está truncada por falta de duas ou três primeiras linhas, e portanto começaremos o seu estudo pela parte inferior.

Nota-se que a última palavra do texto, o dativo FORTISSIMO, está precedido do genitivo MAXIMINI, e como aquele dativo representa qualidade ou título inerente e usado por MAXIMINVS, devia também estar no genitivo, FORTISSIMI, como está em genitivo o nome da pessoa com a qual se relaciona.

O genitivo MAXIMINI, está precedido da conjuntiva ET, por sua vez precedida do genitivo CONSTANTI, e este precedido da mesma conjuntiva ET, querendo isto significar que antes deste genitivo deve haver outro nome de pessoa também em genitivo, o qual deveria estar na 1.ª linha.

Não está completo nesta linha, mas está a sua terminação em NI, as duas letras que se observam no princípio da 1.ª linha da inscrição.

Este NI pertence ao genitivo MAXIMIANI, de MAXIMIANVS, e como este imperador governou em conjunto com Diocleciano, devia MAXIMIANI estar precedido de DIOCLETIANI ET.

Ora desde Aureliano, o título IMP(erator) vinha sendo substituído por DN (Dominus Noster), e como eram quatro os governantes da época do marco, dois impera-

dores e dois céсарes, a inscrição completa deveria começar por DDDDNNNN, como se vê noutras inscrições lapidares e monetárias.

Para restituição integral da inscrição falta esclarecer a esquisitice da 1.^a linha, AYSS.

Seguindo o método empregado, começamos pelo fim. Os dois SS que nela se observam, são com certeza abreviatura do genitivo do plural de *Senior*, SENIORVM. O resto, AY, é abreviatura de AVGVSTORVM, genitivo do plural de *Augustus*, e não pode ser outra coisa, pois Diocleciano e Maximiano, intitulavam-se Augustos Seniores, e só eles usaram este título.

O pretenso Y não é mais do que V ligado a um G arcaico, empregado raramente na época clássica, para formar a abreviatura AVG.

Por estas considerações a reconstituição completa da inscrição deve ser a seguinte:

1 DDDDNNNN
 DIOCLETIANI
 ET MAXIMIA
 NI AY SS
 5 ET CONS
 TANTI
 ET MAXI
 MINI FO
 RTISSIM
 10 O

Leitura:

[*Dominorum Nostrorum | Diocletiani | et Maximia*] ni,
 Aug(ustorum) S(eniorum) | et Cons/tanti | et Maxi/mini
 Fo/rtissim/o (por Fortissimi).

Tradução:

(Marco posto por ordem de, ou marco) dos nossos quatro Senhores Diocleciano e Maximiano, Augustos Seniores, e de Constâncio e de Maximino, Fortissimo (César).

Falta o título muitas vezes usado por Constâncio Cloro, NC, em quanto César, *Nobilissimo Cesar*.

Cronologia:

Flávio Valério Constâncio, o Cloro, foi nomeado César em 292 por Maximiano Herculéo, e Augusto em 305 por abdicação de Diocleciano e de Maximiano. Morreu em 306.

Caio Galério Valério Maximino, o Daza, foi declarado César em 305 por Diocleciano; morreu em 316. Disto conclui-se que o marco de Valhelhas é do ano de 305 até 25 de Julho de 306, data da morte de Constâncio Cloro.

Para terminar, damos em seguida a relação dos marcos de diversos imperadores, presentemente conhecidos, desde Idanha a Velha a Famalicão da Serra (1)

*Sinopse dos marcos miliários romanos conhecidos desde
Idanha a Famalicão*

N.º Proced.ª	Imper.	Época	Destino	Refer.ªs
1 Vale Lobo	Tácito	275-276	Igreja	Hübner
2 R.ª do Colm.	Constânc.	305-306	Belmonte	A. Belo
3 »	<i>Anepígr.</i>	?	»	»
4 Lameira	Tácito	275-276	Colmeal	»
5 »	<i>Anepígr.</i>	?	»	»
6 Valhelhas	Maximian.	305-306	Valhelhas	»
7 Barreclas	Tácito	275-276	Mus. da Guarda	E. Jalhay
8 Cadoço	»	»	Mus. do Carmo	C. A. Pires
9 Q.ta da Eira	Constânc.	292-305	»	»
10 Famalicão	Constant.	306-334	Mus. da Guarda	E. Jalhay

(1) Na ocasião em que estudava em Valhelhas esta inscrição, na companhia do Sr. Manuel Alves Barreiros, vários moradores informaram-nos de que, havia pouco tempo antes, dois indivíduos, cujos nomes desconheciam, tinham copiado a mesma inscrição, acrescentando que ficaram com a impressão de que um deles era sobrinho do Doutor Oliveira Salazar. Por outras vias soubemos que o Prof. Scarlat Lambrino tem conhecimento dela.

O que verdadeiramente não sabemos é se foi ou não publicada por qualquer destas individualidades. Se a interpretação coincidir com a nossa, podemos considerar-nos de parabéns, porque ficamos arrimados a boas colunas científicas. Se não coincidir, podemos também felicitar-nos, porque as considerações históricas e epigráficas invocadas, levam-nos à convicção de que a conclusão a que chegámos está certa.